

GRUPO IBOM: PARA UMA AMPLIAÇÃO DOS GRUPOS AFRICANOS TRANSPLANTADOS PARA O BRASIL COM O TRÁFICO NEGREIRO

Cristiane Benjamim SANTOS¹

RESUMO: A literatura atesta, no que concerne às línguas negro-africanas transplantadas para o Brasil com o tráfico de escravos, a presença de grupos provenientes da região do que se tornou a Nigéria atual – Castro (2001, 2006), Fonseca Junior (2004), Bonvini(2008). Entretanto, há pouca investigação na especificação dos grupos étnicos e respectivas línguas que compõem esses grupos. Este trabalho, a partir de Santos (2006; 2007) e pesquisas de campo realizadas na Nigéria iniciados em 2006, enfoca o grupo lingüístico denominado *ibom* (Udoh, 2003), composto por 19 variantes faladas por grupos étnicos relativamente homogêneos situados no sudeste da Nigéria. Temos como objetivos: (i) descrever o grupo lingüístico *Ibom*; (ii) apresentar o que a literatura aponta em relação ao envolvimento desse grupo no tráfico negreiro para o Brasil; (iii) apresentar a contribuição do grupo *ibom* em Cuba, Suriname e Trinidad e Tobago; (iii) sugerir a inclusão das variantes do grupo *ibom*, além da língua *ibibio*, como pertencente às línguas do grupo Cross-River (Bonvini, 2008: 30) que foram transplantadas para o Brasil. Com isso, almeja-se contribuir não só com pesquisas etnolingüísticas sobre grupos africanos transplantados para o Brasil, mas também com investigações que subsidiem o que determina o § 1º do artigo 26 A da LDB: o estudo do negro na formação da sociedade nacional.

PALAVRAS-CHAVE: Grupo *Ibom*; etnolingüística; português brasileiro

1. Introdução

Dados históricos relacionados ao homem africano são relevantes para a implementação da Lei 11.465/08². Para melhor compreender a formação da população brasileira, esses dados são fontes para trabalhos que visam a debater, dentre outros

¹ Professora substituta da UnB, Instituto de Letras, Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Português (LIP), Caixa Postal 9822, Bairro Asa Norte, CEP 70040-976, Brasília, DF, cbenjamim@uol.com.br.

² a- Aborda-se, especificamente o artigo 26: "Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1o O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

b- Está fora do escopo deste trabalho abordar aspectos relacionados ao histórico e às implicações curriculares da Lei 11.465/08, bem como ações para sua implementação.

questionamentos, a seguinte pergunta: *Quais foram os grupos étnicos africanos que o tráfico transatlântico trouxe para o Brasil?*

Num momento em que a investigação dos grupos étnicos envolvidos na diáspora africana tem despertado o interesse acadêmico por consistir referência importante na vida dos afro-descendentes e nas culturas do Atlântico Negro, a identificação desses grupos e de suas respectivas línguas também não deixa de ser relevante para o estudo do português brasileiro (PB, doravante) caracterizado pelo multilingüismo:

A presença de falantes de línguas indígenas e africanas, ao lado de falantes de português, instaurou o multilingüismo como a situação primordial em que se constituiu o português brasileiro (PB, doravante). Se a história da língua é também a história de seus falantes, a pesquisa lingüística sobre o PB não pode ignorar o contato com outras línguas. Assim sendo, os dados demográficos referentes à população de origem africana, em muitos momentos de nossa história igual ou superior à população branca, nos incitam a investigar as eventuais marcas que seus falantes deixaram na variedade brasileira da língua portuguesa.

(PETTER& CARON, 2005, p.1)

No contexto histórico da formação da sociedade brasileira, é importante salientar a diversidade das várias áfricas que alimentaram a sociedade multiétnica e o multilingüismo instaurado no país no período colonial.

Com relação à procedência e à distribuição dos africanos no Brasil verifica-se que, desde trabalhos clássicos como Raimundo Mendonça (1933) às pesquisas mais recentes, é salientada a ausência de dados diretos sobre a vida do negro no Brasil Colonial. É fato que muitos documentos históricos e arquivos da escravidão foram queimados em cumprimento ao decreto n. 29 de 13 de maio de 1891³.

A literatura apresenta que o regime escravocrata trouxe para o país uma representativa presença de povos de diferentes regiões da África Ocidental, grupos étnicos dos atuais Senegal, Mali, Níger, Nigéria, Gana, Togo, Benin, Costa do Marfim, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné e Camarões. Discussões atuais,

³ Cf. Ramos, A 1979 p.178-179.

baseadas em investigações antropológicas e históricas, salientam que os grupos étnicos advindos dessas áreas não representam de forma determinante uma identidade africana, mas também indicam as regiões de embarque dos escravos para o Brasil e, por vezes, as línguas de determinado povo.

Dois grupos étnicos africanos são considerados majoritários no Brasil no período da escravidão: (i) iorubá, na Bahia e (ii) congo-angola, no Rio de Janeiro⁴. Os iorubás e igbos, são considerados, por generalização, como sendo escravos nigerianos no Brasil, sendo os iorubás - de maior relevância em termos de número. No entanto, pesquisadores apontam a presença de outros grupos além desses grupos étnicos e, por conseguinte, lingüísticos⁵.

As evidências históricas sobre a origem desses grupos apontam para línguas africanas (LAs, doravante) majoritariamente do tronco lingüístico Niger-Congo, da região compreendida pelas línguas bantas e por línguas da África Ocidental. Segundo Bonvini & Petter (1998), cerca de 200 LAs foram envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil.

A presença das línguas do tronco Niger-Congo na constituição do PB pode ser levantada em trabalhos lingüísticos de referência tais como: Mendonça (Op cit) e Raimundo (1933) √ que atribuem à influência das línguas africanas, na caracterização do português brasileiro, principalmente o quimbundo e o iorubá; Castro (2001) √ que enfoca a influência africana no léxico do PB e apresenta um quadro das línguas africanas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil; Petter e Caron (2005) √ que propõem discutir o papel que as LAs desempenharam na constituição da variedade brasileira da língua portuguesa com o projeto “A Participação das Línguas Africanas na

⁴ Cf. Verger,1987 ;Fonseca Jr,1988 ; Silva, 1988; Ferraz, 1996; Carash, 2001; Castro 2004; 2006.

⁵ Cf Ramos,1970; Russel-Wood, 2001, UYA, 2003, p. 7-19; Ikiddeh, 2005, p. 422-445

Constituição do Português Brasileiro”⁶; e, recentemente, por Bonvini (2008) ⁷ que apresenta e discute a relação entre línguas africanas e o português⁷.

A identificação dessas línguas pode ser reconstruída ainda através de pesquisas sobre etnias africanas desenvolvidas nas últimas cinco décadas. Entretanto esses estudos, ainda que relevantes, não encerram esse campo de investigação.

A intenção deste trabalho é buscar contribuir com o debate em torno dos grupos étnicos minoritários envolvidos no tráfico negreiro durante o Brasil Colonial e tem como foco os grupos vindos da área da Nigéria atual. Apresenta-se, especificamente, um levantamento histórico preliminar sobre o envolvimento das línguas que compõem o grupo *ibom*, localizado na denominada “Área de Calabar”, sudeste da Nigéria. Com isso, almeja-se contribuir não só com pesquisas etnolingüísticas sobre grupos africanos transplantados para o Brasil com o tráfico negreiro, mas também com investigações e subsidiem a identificação dos grupos étnicos africanos que contribuíram na formação da sociedade brasileira, apontando, assim, dados para abordagens suscitadas pelo § 1º, do artigo 26 A da LDB.

Este artigo está organizado em três seções além desta de introdução e das considerações finais. Na seção 2, apresentam-se as línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil; na seção 3, um panorama do grupo lingüístico *ibom*; na seção 4, faz-se breve referência à contribuição do grupo *ibom* na constituição do Novo Mundo.

⁶ Projeto CAPES/ COFECUB, número 511/2005. O objetivo geral desse projeto é investigar a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro, tendo como enfoque línguas do tronco Níger-Congo. A meta do projeto é: (i) identificar os eventuais traços lingüísticos que podem ser atribuídos ao contato com as línguas africanas que aportaram no Brasil no período da colonização e (ii) destacar semelhanças ou diferenças tipológicas das línguas em contato.

⁷ Cf. Bonvini 2008, 15-62

2. Línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil

A literatura atesta a presença de grupos lingüísticos envolvidos no tráfico negreiro para o Brasil que são provenientes da região do que se tornou a Nigéria atual. Ainda assim, há pouca investigação na especificação dos grupos étnicos e respectivas línguas que compõem esses grupos - aspecto relevante para a investigação do contato lingüístico entre línguas africanas e o português falado no Brasil.

No quadro 1, a seguir, apresentam-se os grupos das línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil apresentados por Castro (2001), seguindo a tipologia genética para as línguas africanas apresentada por Williamson & Blensh (2000):

Quadro 1
Línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil

PHYLUM	GRUPO LINGÜÍSTICO
Afro-asiático	haussá
Niger-Congo	iorubá, ewe, nupe, ibô, bini, calabari
Nilo-saariano	canure e bariba

Dentre essas línguas, ibo e iorubá se destacam em estudos realizados no Brasil, sendo iorubá a mais conhecida e citada – Fonseca (1988, p.13); Castro (Op cit, p. 38); Ayoh'omidire (2003, p. 16-17). Já sobre os calabari, por exemplo, há poucas informações e a autora (Op. cit) apresenta a língua ijó como sendo a única que representa esse grupo.

Calabar é a denominação dada à área que abrange os atuais estados de Akwa Ibom e Cross River localizados no sudeste da Nigéria⁸. Essa área também é conhecida como calabari, corabani, ibibiolândia, Ports, efiklândia, ejaw.

⁸ A referência “povos de Calabar”, não corresponde aos povos que habitam a cidade de Calabar (primeira capital da Nigéria).

A partir de estudos comparativos na área das Ciências Sociais, é possível estabelecer, inicialmente, que a terminologia ‘Calabari’ usada por Castro (Op cit), dentre outros autores, abarca a área de outros grupos étnicos e lingüísticos. Isto porque nos estudos relacionados à origem dos africanos transplantados para o Brasil critérios de identificação como: porto de origem, etnia, grupo lingüístico e nação, nem sempre são elucidados⁹. Assim, neste artigo, termo Ibom será empregado com acepção étnica e lingüística.

Udo (1983), dissertando sobre as comunidades denominadas ibibias, aponta a influência externa de um subgrupo do povo ibibio – os efiks – no comércio de escravos na Nigéria nos anos de 1503 a 1842:

Efik communities along the Calabar and Cross River banks became the frontier of the overseas slave trade in Ibibioland. Slaves were obtained by the Efik from the interior of Ibibioland and sold to the European slave traders on the coast at exorbitant prices. [...]

(Udo,1983, p. 99)

Oliveira & Quint (2005) levantam a hipótese da presença dos ibibios, um dos grupos étnicos do grupo ibibiod no tráfico negreiro no Brasil.

Benjamim Santos (2006) apresenta dados que podem colaborar com investigações dos grupos minoritários envolvidos na diáspora africana. Segundo a autora (Op cit), o grupo ibom que é abordado com diferentes terminologias e seu envolvimento no tráfico negreiro para o Brasil pode ser atestado pela literatura.¹⁰ Aspecto a ser abordado na subseção a seguir.

⁹ Não está no escopo deste trabalho a discussão do conceito de etnia, raça e nação.

¹⁰ Neste artigo ibom refere-se ao grupo ético e ao grupo lingüístico.

2.1 Dados históricos

O grupo ibom está localizado entre os ibos a leste e os iorubás a norte e oeste¹¹. Historicamente, os grupos étnicos dessa região, além de manter constantes conflitos em relação à posse de espaço geográfico com os grupos étnicos ibo, iorubá e efiks, estavam envolvidos no comércio escravo dos portos de Calabar e Lagos (cf. Loverjoy & Richardson, 1999, p. 332-55) e, comprovatoriamente, estão diretamente envolvidos nos tratados comerciais do tráfico negreiro do histórico ‘Old Calabar Port’ no século XVIII¹².

Rodrigues (1949) refere-se ao grupo *calabar* ao descrever os grupos étnicos provenientes da Costa da Guiné - região compreendida entre a atual Serra Leoa e o Delta do Níger – que estiveram envolvidos no comércio de escravos para o Brasil. O autor apresenta inicialmente, que em documentos do século VIII, é possível encontrar o nome das tribos do grupo *calabar*. A saber: *ijô*, *ibibiô*, *efik*, *ekoi* e *ibô*. Reportando-se aos registros do século XVII, o autor (Op. cit.) identifica o grupo *calabar* em documentos que citam o regime político das sociedades envolvidas no comércio de escravos e sua localização: (i) Primeiras cidades-estados associadas a uma modalidade de sociedade secreta Egbô (Sociedade do Leopardo) – localizada em Velha Calabar; (ii) Monarquia, em Ibaniou Bani, Uarri – localizadas na região de Calabari ou Nova Calabar; (iii) República em Brass – localizada em Velha Calabar.

Rodrigues (Op cit) aponta ainda que com o aumento do comércio de escravos, o porto de origem passou a ser a referência dos escravos que vieram para o Brasil. Com a sobreposição do porto de origem à origem tribal surgiram os indefinidos “minas”, “calabari”, “cabindas”, “benguelas” e “moçambiques” no Brasil. Entretanto, alguns deles, como os Calabari, podem ser identificados.

¹¹ Ver mapa no anexo 1 deste artigo.

¹² Udo,1983, p.5-11; Lovejoy,P. & Richardson,D.1999.

Segundo Russel-Wood (2001, p.13), a África Ocidental forneceu a maior parte dos escravos para o nordeste do Brasil no período colonial e no século XIX. Para o autor:

África ocidental designava uma extensão que ia do Senegal ao atual Camarões, às ilhas do Atlântico, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, incluindo a região mais importante de todas, integrada pelo Golfo de Benin e pelos portos de tráfico de escravos, compondo o que era frouxamente denominado pelos portugueses como sendo a Costa da Mina. Dentre os numerosos grupos étnicos, o mais proeminente no Brasil colonial foram os yoruba (os nagôs da Bahia e no Rio de Janeiro) e os jeje(do Daomé). Documentos contemporâneos atribuíam a tais escravos as seguintes “nações”: Cabo Verde, Ilha do Príncipe, **Calabar**, Mina, Haussa, Arda, Ashanti, Tapa(Nupe), Mandinga, Camarão, Ibo, Jabu, Mandubi, Fulani e Bornu.

(Russel-Wood, 2001, p.13; o grifo é nosso)

Algumas referências identificam a presença dos povos *ibons*, como *calabar/calabari* em alguns estados brasileiros. A saber:

Na Bahia, é possível achar referência aos *ibons* como grupo de procedência e como grupo étnico. Como grupo de procedência, destaca-se o trabalho de Pierre Verger (1987)¹³:

Quadro 2
Calabari (corabani) na Bahia

Porto de Origem	1754	1774	1775	Total de escravos
Calabar	1	1	1	3

O levantamento populacional da Bahia de 1811 a 1888 elaborado por Andrade (1998)¹⁴ faz referência a Calabar enquanto grupo étnico e contém a quantidade de escravos dessa etnia e sua representatividade na população da cidade de Salvador naquele período:

¹³ Trabalho baseado no *Livro de tutelas e inventários da Vila de São Francisco do Conde, perto da Bahia*.

¹⁴ Trabalho baseado em inventários do Arquivo Público de Salvador (1881-1888)_ Fallas dos Presidentes da Província da Bahia.

Quadro 3
Grupo Étnico Calabar na Bahia

Etnia	1811-1830	1831-1860	1861-1888	Total da População	Sobre total de escravos africanos
Calabar	34	36	1	71	1,5%

Figueiredo (2000) apresenta ‘calabar’ enquanto nação e identifica sua presença dentre os escravos que aportaram no Maranhão. A autora apresenta os seguintes dados levantados nos jornais maranhenses do séc. XIX:

João Ribeiro de Silva faz sciente que tem para vender huma negra bonita figura e boas qualidades, nação Calabar, de idade de 28 anos pouco mais ou menos com trez crias de idade huma de 7 para 8 anos outra de 6 para 7 anos, e outra de 3 anos (...)

(Jornal Farol Maranhense, 1 de outubro de 1830 nº 233 pág. 98)

Bernardino de Sena Leal, depositário da Escrava Catarina, nação Calabar, com os signaes seguintes: Enbiga alguma cousa sahido para fora, picada das bexigas

(Jornal o Brasileiro, 30 de agosto de 1832 nº 2 p. 8)

Rezende (2006), num levantamento de escravos de Minas Gerais, indica registros dos calabari nas Comarcas de Ouro Preto e Rio das Mortes no século XVIII. Esse registro é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 4
Calabari em Minas Gerais

Região: África ocidental	Origens	Vila do Carmo		São João del Rei	
		1718 (%)	1718 (N)	1719 (%)	1719 (N)
	Calabari	1,47	34	0	0

Karasch (2000, p. 46) ao tratar o Rio de Janeiro como “cidade africana” problematiza a densidade das identidades monolíticas do Congo e de Angola, encontrando na referida cidade oitocentista uma série de outras referências étnicas. Dentre elas, *calabar*:

Quadro 5

Origens africanas do tráfico de escravos para o Rio de Janeiro, 1830-1852¹⁵

Nome da origem nacional dos navios negreiros capturados	Nome Moderno	Localização na África	Quantidade de Navios	Referências
Calabar	Velha e Nova Calabar	Ports ¹⁶ , Nigéria	4	Curtin, p.188

Os *calabari*, entretanto não podem ser identificados como um grupo homogêneo quer seja numa perspectiva lingüística ou étnica. Um dos primeiros trabalhos que esclarecem este posicionamento é o de Forde e Jones (1962).

The name *Ibibio*, actually that of the largest sub-division of the people and commonly applied to the whole for lack of any other, is now generally accepted as an ethnic and linguistic term. The people have tribal and sub-tribal groupings and demography .

(Forde & Jones 1962, p.67-68; o grifo é nosso)

Além disso, pesquisas etnolingüísticas, realizadas por brasileiras na região nigeriana denominada “Calabar Area”¹⁷ corroboram com a compreensão desse aspecto:

Observar este sistema multiétnico e multilingüístico pode ser feito de duas formas: (i) através de uma visão étnica – observações genéricas de alguém do lado de fora de um sistema –, (ii) através de uma visão êmica – observações de alguém de dentro de um determinado sistema. Contextualizando, no norte da Nigéria, região muçulmana, pessoas olham para a região que compreende os estados de Akwa Ibom e Cross River e denominam o conjunto de povos ali existentes de “povos de Calabar” (visão étnica). Já, povos dos estados de Akwa Ibom e Cross River, através de uma visão êmica, não se reconhecem como um único grupo.

(Benjamim Santos, Oliveira e Zanoni, 2006, p. 3)

¹⁵ In: Karasch, 2000, Apêndice A, p. 481.

¹⁶ Ports refere-se à Port Haurcurt cidade localizada na área do contínuo Igbo. Os igbos são vizinhos geográficos a leste dos grupos étnicos que compõem o contínuo Ibom com os quais manteve conflitos para determinação de espaço geográfico.

¹⁷ Cf. Oliveira, 2005, p. 7-9; Benjamim Santos & Oliveira, 2006; Benjamim Santos, Oliveira & Zanoni, 2006)

No tocante ao aspecto lingüístico do grupo denominado *calabari*, apenas uma língua é citada como pertencente a este grupo: ijó (Castro, 2001, p.41)¹⁸. No entanto, se considerando em que consiste esse grupo, pesquisadores apontam a ampliação desse quadro. O mesmo se aplica ao posicionamento de Fonseca Junior (2004), Schumacher (2005) Bonvini (2008), que consideram as línguas ibíbio e efik como sendo as línguas Lower-Cross como as envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil.

Ikiddeh (2006) apresenta fortes evidências relacionadas à presença de outros grupos, da Área de Calabar no Brasil:

[...] After the official abolition of the slave in 1807, the trade continued to flourish under various guises. For example, British slavers now hired ships flying Spanish and Portuguese flags to convey their human cargo to the New World [...] ... slavery had already begun to change both for the slave merchants and the slaves themselves.

A notable change was that the risks involved and the rise in prices, traders became more selective than before in the quality of slaves they paid for. They were now looking for able-bodied, hard working men and women from regions which from experience were capable of supplying human beings of that sort. Although accurate figures are not available, it is estimated that tens of thousands of slaves sailed from the ports of Old Calabar and Bonny in the last decades of the 18th century and the first few decades of the next. [...] ... That most of those slaves were Ibíbio and their kindred people is perhaps stating the obvious, especially as, for utility purposes, white traders showed a preference for slaves from farming communities as against those from the fishing areas which included the Efik and the Ijaw.

(Ikiddeh, 2006, p. 435-36; o grifo é nosso)

As considerações aqui apresentadas apontam para a ampliação dos grupos étnicos, e, conseqüentemente, lingüísticos. Os *calabari* abarcam outros grupos além do *ijó* (Castro, 2001) e da língua Lower-Cross ibíbio (Bonvini, 2008). Trata-se das variantes doo grupo ibom (Udoh, 2003), um contínuo formado por 19 grupos étnicos, relativamente homogêneos.

3. Grupo Ibom: Classificação lingüística

¹⁸ Neste aspecto, este artigo distingue-se do posicionamento de Castro (op cit), pois o grupo lingüístico ao qual as línguas que são associadas ao grupo ijow por essa autora, pertencem às línguas Lower-Cross, Williamson e Blench (op cit), Udo (op cit), Bonvini (op cit).

Ibom é a terminologia adotada para referir-se ao contínuo dialetal denominado *ibibiod* (Essien, 1990; Urua, 2000; Oliveira, 2005). Por ser considerada uma terminologia neutra, histórica e geograficamente, ‘ibom’ vem sendo adotada nos mais recentes trabalhos na lingüística nigeriana¹⁹:

[...] Such a proposal is worth some consideration, but whether it is feasible is another matter entirely, given the political and socio-cultural undercurrents usually associated with such decisions in our communities.

We propose a more neutral name which is historical and geographically motivated. Since all the languages of the Lower Cross subgroup are spoken in Akwa Ibom State, we propose **Ibom languages** for the languages of the area. Only Ukwa spoken in Cross River and Usakaede spoken in Cameroun (Connell 1991:5) are not represented in Akwa Ibom State. The choice of a neutral name for the stock, we believe, will be more acceptable to a generality of the people than a choice of one of the languages as this is often misinterpreted as some form of subordination and domination[...]

Udoh (no prelo:14, o grifo é nosso)

O grupo ibom é composto pelos seguintes grupos étnicos: Anaang, Ebughu, Efik, Ekit, Etebi, Ewang-Uda, Ibeno, Ibibio, Ibuoro, Iko, Ilue, Ito, Itu, Mbo(Efai), Mbonuso, Nkari, Okobo, Oro e Ukwa.²⁰ Cada um desses grupos tem sua variante lingüística com a mesma denominação.

A classificação lingüística das línguas que compõem o grupo ibom mais usada pela literatura é a proposta por Williamson & Blench (op cit: 31-33): línguas “Lower-Cross”, da subfamília “Cross River”, sub-ramo “East Benue-Congo”, pertencente ao ramo “Proto Benue-Congo” do grande tronco lingüístico “Niger-Congo”.

¹⁹ Udoh, 2004; Santos, 2007.

²⁰ a- A disposição das variantes lingüísticas é em ordem alfabética. Não há estudos lingüísticos o suficiente para dispô-las num quadro que represente o contínuo dialetal.

b- Estudos lingüísticos apontam efik e ibibio são línguas. As demais variantes estão ou em processo inicial de descrição lingüística ou sem estudos nessa área até então.

4. O grupo Ibom e a constituição do Novo Mundo

A influência dos povos denominados de ibibios por Ikeddeh (2006) - referindo-se a todos os grupos étnicos do grupo ibom (cf seção 2) - pode ser identificada em Cuba, Trinidad e Tobago e Suriname.

Ikiddeh (Op cit) aponta ser a tradição popular e a religião a constatação da influência dos povos ibom em Cuba. Segundo o autor, as histórias da tartaruga “*folk stories*” são as que mais se destacam, com semelhanças de forma e de conteúdo. Quanto à religião, o autor narra semelhanças ritualísticas as quais ele atribui ser a influência iorubá e da religião Abakua, originária da tradição efik.

Ojoade (1989) discorre sobre a influência da religião dos povos da área de Calabar em Cuba. Segundo o autor:

The ‘Abakua adepts’ were ‘decendants of the Calabar (Effor and Ekik) ethnic goup from Nigeria’...Many elders in Cuba have confirmed the element of witchcraft in traditional African practice in tht country, adding that in this matter the descendants of Calabar indigenes are ‘reputedly the worst culprits’...

(Ojoade 1989, p.79)

Em Trinidad e Tobago, o *Carnaval* é citado como uma manifestação a ser considerada como influência direta da cultura ibom. Ainda que com distinções da manifestação original, um dos grupos tradicionais presentes nos desfiles, o “Epoñioho”, apresenta, segundo Ikiddeh (2006), a mesma evolução do cortejo da sociedade tradicional “The Ekpo Nyoho Masquerader”- originária da região do atual estado nigeriano de Akwa Ibom. Outra manifestação identificada pelo autor em Trinidad e Tobago que constata a presença dos ibons é o ritmo musical denominado *calypso*. O autor (op cit) argumenta, inclusive, a presença de aspectos lingüísticos: *calypso* remete a uma expressão usada para explicar música e a dança de um ritmo tradicional da área ibom e comum em diversas variantes do grupo: “**kàáísó!**” (“vá”/“continue”)

No Suriname, Ikeddeh (Op cit, p 448) apresenta palavras do grupo Ibom presentes no crioulo do Suriname. O significado é mantido apesar de algumas vezes, ocorrer alterações fonológicas. No crioulo a palavra ‘*bakra*’, ‘homem branco’, é derivada da palavra ‘*mbakara*’, que tem o mesmo significado em línguas do grupo ibom

como anaang e ibibio. As formas ‘*tata, atata e tita*’- variações do crioulo do Suriname que significa ‘pai ou irmão mais velho’- em línguas do grupo ibom, é ‘*tata*’ e o significado é o mesmo.

Ikiddeh (Op cit) aponta que a influência dos iorubas e de povos “Congo-Angola” no Brasil é amplamente descrita, mas ele afirma que os “povos de Calabar” não ficaram de fora desta influência:

[...] The Yoruba influence in Brazil, especially the Bahia region, as well as in Cuba and Haiti is well known. [...] Substantial Congo-Angola influence is recorded in Brazil, especially in Rio de Janeiro Province and in Venezuela. [...]. Although observations have been made of Igbo-Calabar presence in Virginia and the Caribbean Islands, the Calabar element has received very little attention probably because being a minority group, their number was never thought large enough to have made any significant impact anywhere in the New World. In actual fact, as the rest of this paper will show, the Calabar or Ibibio-Efik group did not stay out of the picture.

Ikiddeh (2006:425; o grifo é nosso)

5 Considerações finais

A literatura atesta que o povo denominado ‘calabari’ e ‘ibibio’ esteve envolvido no tráfico negreiro para o Brasil, o que implica na inclusão da língua da língua ibibio e ijó como algumas línguas faladas na Nigéria que estiveram envolvidas no contexto multilinguístico da constituição do português falado no Brasil. Entretanto, por constatar a pluralidade lingüística e étnica que as terminologias ‘ibibio’ e ‘calabari’ envolvem propõe-se também a inclusão das outras 18 variantes, além da língua ibibio, que compõem o grupo ibom nesse processo. Os dados aqui apontados sugerem uma complementação de estudos como Castro (2001), Fonseca Júnior(2004), Schumacher (2005) e Bonvini (2008).

Estudos sobre o grupo *ibom* no Brasil são ainda incipientes e investigações nessa área podem revelar aspectos não só sobre sua presença em outras regiões do país – além das apresentadas neste artigo –, como também ampliar investigações

etnolinguísticas das línguas africanas que estiveram em contato com o português brasileiro.

Ratificamos a importância de ampliação desses estudos, pois, apesar do reduzido contingente, os grupos minoritários mostram-se relevantes no que concerne a poder traçar códigos culturais advindos com os grupos africanos que formaram a sociedade brasileira. Apontamos a necessidade de ampliação de pesquisas etnolinguísticas no sudeste da Nigéria, pois tais pesquisas podem corroborar: (i) com a ampliação do quadro dos grupos étnicos envolvidos no tráfico negreiro no Brasil; (ii) com hipóteses sobre a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro e, sobretudo, (iii) com a ampliação das referências sobre a identidade de nossa sociedade.

Referências bibliográficas

ANDRADE, M.J.S. de. A mão de obra escrava em Salvador, 1811/1860. São Paulo: Corrupio;1988.

AYOH'OMIDIRE, F. Akogbadun: abc da lingual, cultura e civilização iorubanas. Salvador: Edufba: CEAO, 2004.

BENJAMIM SANTOS, C. Para uma descrição do sistema pronominal do Anaang. Seminários do GELA, 2006, manuscrito.

BENJAMIM SANTOS, C & OLIVEIRA, M.S.D.de. O continuum dialetal do grupo Ibibiod. 2006, manuscrito.

BENJAMIM SANTOS, C., OLIVEIRA, M. S. D., ZANONI, D. “Povos de Calabar”. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/site/img/upload/965087.pdf>. Acesso em 01/06/2008.

BONVINI, E.; PETTER, M. M. T.. Langues africaines et portugais du Brésil. Langages, Paris, v. 130, p. 68-83,1998.

BRASIL, Lei n.11645 de 10 de março de 2008. Dispõe sobre alteração da lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996, modificada pela lei n. 10639 de 9 de janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da União. Brasília, 11 março de 2008. Seção 1, p. 1.

CASTRO, Y. P. de. Falares africanos na Bahia (um vocabulário afro-brasileiro). Topbooksio de Janeiro, Topbooks, 2001.

_____. A influência de línguas africanas no português brasileiro. In: Educação e Africanidades –Brasil. Brasília. MEC/UnB, 2006, p. 195-210.

ESSIEN, O. *A grammar of the Ibibio language*. Ibadan: University Press, 1990.

FIGUEIREDO,SGD. Procedências e denominações de negros africanos no Maranhão. In: Anais do II Encontro Estadual de História “Histórias e Historiadores Hoje”. Maranhão, 2004.

FONSECA JR. Eduardo. Dicionário Yorubá Português. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988, p8-16 .

FORDE, Daryll & JONES, G. I. The Ibo and Ibibio-speaking Peoples of South-eastern Nigeria. London: International African Institute, 1962, p. 67 -92.

IKIDDEH, I. Ibibio contribution to the emergence of black culture in the New World: a preliminary survey. In: Ikiddeh, I. *Historic essays on African literature, language and culture*. Nigeria: Minder International Publishers. 2006.

KARASCH, M A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850. São Paulo: Cia das letras, 2000.

LOVEJOY, P. & RICHARDSON, D. Trust, Pawnship and Atlantic History: the institutional foundations of the Old Calabar Slave Trade. In *American Historical Review*, 104:2, 1999, 332-55.

MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.

OJOAD, J. O'Nigerian Folklore in the African Diaspora' in E.N. Emenyonu (ed) *Black Culture and Black Consciousness in Literature*, Heinemann, Ibadan, 1987. p. 76-80.

OLIVEIRA. Perguntas de Constituinte em Ibibio e a Teoria de Tipo Oracional: Aspectos da Periferia à Esquerda com Ênfase em Foco. Muenchen: LINCOM, 2005. (Studies in African Linguistics, 65).

OLIVEIRA, M. S. D.; QUINT, N. *Para uma investigação de traços da sintaxe pronominal de línguas africanas na constituição do Português Brasileiro*. Seminário apresentado I Colóquio CAPES/COFECUB, Projeto: "Influências das Línguas Africanas na Constituição do Português Brasileiro". 2005, manuscrito.

PETTER, M. M. T.; CARON, B. *Projeto: a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro*. 2005, manuscrito.

RAIMUNDO, J. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RAMOS, A. *As culturas negras no novo mundo*. 3 ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

REZENDE, R.C. *As nossas Áfricas: um estudo comparativo sobre a composição étnica dos escravos na Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX* Disponível em <www.ichs.ufop.br> . Acesso em 25 de julho de 2006.

RUSSEL-WOOD, A.J.R. *The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil* . London, Macmillan Press, 1982.

RODRIGUES, J. C. *Pequena História da África Negra*. São Paulo: Globo: Secretaria da Cultura da Presidência da República: Biblioteca Nacional, 1990 (42-43; 67-68; 94-97)

SANTOS, C. B. *Aspectos morfosintáticos dos pronomes pessoais em anaan*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em <www.teses.usp.br> . Acesso em 20 de julho de 2008.

SILVA, L.D(org). *Estudos sobre a escravidão negra*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana. 1988 volc1 p.291-300.

SCHUMAHER, S & BARBOSA, P. C. Quilombos – espaços de resistência de homens e mulheres negros. Rio de Janeiro: REDEH, 2005.

VERGER, P. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. Tradução Tasso Gadzanis. São Paulo: Corrupio, 1987.

UDO, E. A. *Who are the Ibibio?*. Singapore: Africana-FEP Publishers, 1983.

UDOH, I. I. L. The Languages of the South-East Zone of Nigeria: A Geopolitical Profile. Concept: Publications. Uyo, Nigéria, 2004.

_____. Anaang Phonology. (no prelo:13)

URUA, E. E. *Ibibio phonetics and phonology*. Cape Town: Centre for Advanced Studies of African Society, 2000.

WILLIAMSON, K. & BLENCH, R. (2000). Niger-Congo. In: B. Heine & D. Nurse (eds.) *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

ANEXO 1

LOCALIZAÇÃO DO ESTADO DE AKWA IBOM - NIGÉRIA



In: SANTOS, 2007, p.13